



# A perspectiva ambiental na escola indígena “Gatén” da comunidade Kaingang *Foxá* de Lajeado/RS

Fabiane da Silva Prestes <sup>1</sup>  
Luís Fernando da Silva Laroque <sup>2</sup>

## RESUMO

Os Kaingang representam a maior população indígena do Brasil Meridional, somando, atualmente, aproximadamente trinta e oito mil indivíduos. Este grupo indígena distribui-se entre os quatro estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A comunidade em análise está localizada no Vale do Taquari, no município de Lajeado/RS e é denominada *Foxá*, cujo significado em português é relacionado às árvores de cedro que circunda a aldeia. Esse povo possui uma maneira peculiar de encarar a vida e a relação com o ambiente, tendo a Terra um significado muito especial, pois é dela que provém todas as riquezas necessárias para a permanência cultural. O objetivo deste trabalho é identificar a perspectiva ambiental na Escola Indígena Gatén (espírito da mata) em face dos saberes etnobotânicos e da educação ambiental. Trata-se de um estudo empírico com abordagem qualitativa e de natureza exploratória, cujos procedimentos metodológicos consistem na revisão bibliográfica, levantamento documental, pesquisa realizada em parceria com os indígenas Kaingang por meio da história oral para entrevistas, elaboração de diários de campos e registros fotográficos. Restou evidenciado que na escola Gatén da *Foxá* a educação ambiental é transversal e constante, sendo desenvolvida em espaços tanto formais quanto informais de educação, sendo algo presente na própria concepção Kaingang no que se refere aos etnoconhecimentos envolvendo as relações entre homem e natureza. Ademais, a tradição oral é muito importante para esse povo, sendo perpassada de geração para geração, pelos anciãos, como forma de educar para a conquista da autonomia, revitalização da memória e complementariedade com a natureza.

**Palavras-Chave:** educação ambiental, indígena, natureza.

---

<sup>1</sup> Mestre (Mestrado em Direito, Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUÍ, Brasil). Doutoranda (Universidade do Vale do Taquari/ UNIVATES, Brasil). E-mail: fabianeprestes@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor (Doutorado em História, Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS, Brasil). Professor (Universidade do Vale do Taquari, Brasil). E-mail: lflaroque@univates.br

Os Kaingang representam a maior população indígena do Brasil Meridional, somando aproximadamente trinta e oito mil indivíduos (BRASIL, 2012). Esta etnia indígena distribuiu-se entre quatro estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Constituem-se os mais numerosos povos indígenas do sul do Brasil, são falantes da língua pertencente à família linguística Jê. A sociedade é formada por uma estrutura dualista, por meio da divisão em duas metades exogâmicas, que se complementam: Kamé e Kairu. Cada metade é representada por uma marca, estando em consonância com o sol e a lua, ou seja, na metade Kamé as marcas lembram os raios do sol, ao passo que na metade Kairú as marcas remetem a circularidade da Lua. A concepção destas metades remonta ao mito de origem dos Kaingang, que está ligado à crença da procedência do povo a partir da terra.

Assim, a tradição afirma que os primeiros membros desse povo saíram da terra, por isso, adquiriram sua cor; sendo, a Terra, portanto, sua mãe. Por essa razão, a riqueza está na terra, “é nela que formam as aldeias, cultivam as roças, os rios e lagos fornecem a pesca, da floresta tiram as frutas, remédios e a caça” (SILVA; PIOVEZANA, 2013, p. 50).

A Terra Indígena Foxá surgiu seguindo a mesma trajetória das demais terras indígenas em contexto urbano, que se encontram situadas no Vale do Taquari, isto é, parte-se da saída das terras indígenas do Planalto e instalação próxima a cidades, baseadas em estratégias para subsistência. Assim, a migração dos Kaingang para a Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, representa um processo de reterritorialização, ou seja, famílias oriundas de Nonoai e Votouro (aldeamentos localizados em territórios do rio Uruguai no Rio Grande do Sul), chegaram a Lajeado, por volta do ano 2000 e se instalaram às margens da RS 130, nas proximidades da rodoviária e do Presídio Estadual de Lajeado, local de grande fluxo de pessoas, que possibilitaria a venda de artesanatos. Em que pese, a precariedade do local e os riscos tanto pelo movimento da rodovia quanto pelas eventuais fugas do presídio, os Kaingang ali permaneceram, reivindicando seus direitos (LAPPE, 2012).

As solicitações Kaingang foram atendidas, e a prefeitura de Lajeado cedeu a eles, um espaço no Bairro Jardim do Cedro, um lugar mais tranquilo, que conta com uma pequena mata, onde é possível coletar frutos e materiais para a confecção do artesanato. Ademais, os Kaingang receberam, do poder público, algumas casas, onde inicialmente foram instaladas seis famílias. Atualmente, lá vivem mais de 20 famílias, e mais casas foram construídas, pelos próprios indígenas (DIÁRIO DE CAMPO 23/02/2016). Sabe-se que o espaço ainda não é adequado, pois para a realização de algumas práticas culturais, seria necessário um espaço maior.

No que tange às vivências em contextos urbanos, cumpre destacar que a maioria das famílias indígenas, conta com pelo menos um membro trabalhando em empresas locais, como por exemplo na

BRF S.A. O trabalho formal auxilia na subsistência da família, já que, sobreviver apenas as custas da venda do artesanato, tornou-se algo complexo, devido à escassez de recursos para a produção dos mesmos. Ademais, os Kaingang mantêm a tradição, com o cultivo de uma horta comunitária, que auxilia na alimentação de todos os que ali residem.

A Terra Indígena Foxá vivencia uma realidade difícil com a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Gatén (cujo significado em português é espírito da Terra), já que, atualmente a escola desenvolve as atividades em um local precário, contando apenas com uma peça, que abriga uma sala de aula, não há banheiros, refeitório (GONÇALVES, 2011).

De acordo com a 3ª CRE a escola está funcionando em caráter emergencial, e provisoriamente, atende crianças da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental, as aulas do ensino fundamental são realizadas em turmas multisseriadas. Cumpre ressaltar que, foi aprovada a criação da escola estadual indígena pelo Parecer CEED nº 665/2012, entretanto, o processo de implementação das atividades escolares encontra-se em andamento. Atualmente, as crianças do 5º ao 9º ano estão estudando na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Bandeira, escola não indígena, que fica distante da aldeia e que para acesso é preciso fazer uso de transporte público.

Cumpre destacar que, a educação ambiental, tanto formal quanto informal, deve proporcionar o reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais, de modo que, propicie a sensação de pertencimento com a natureza, articulando o desenvolvimento com o compromisso com as futuras gerações. Assim, a questão que emana é: Em que medida a escola indígena Gatén aborda e aplica a educação ambiental? Assim, o objetivo deste trabalho é identificar a perspectiva ambiental na escola indígena Gatén. Avaliando-se, para além da educação ambiental como tema transversal da Legislação Brasileira e inserida na proposta pedagógica da escola, mas, sobretudo, como algo presente na própria concepção Kaingang no que se refere aos etnoconhecimentos Kaingang envolvendo as relações entre homem e natureza.

## **METODOLOGIA**

A coleta de dados foi realizada na referida Terras Indígena, por meio da pesquisa de campo e das técnicas de observação onde as informações foram registradas em diário de campo e entrevistas. Consubstanciado aos referidos métodos foram adotados ainda, a etnohistória e a história oral. Nesse alinhamento, entende-se que a etnohistória representa significativo suporte teórico-metodológico para estudar as sociedades indígenas, já que, pressupõe familiaridade entre memória e os documentos históricos do passado (FERREIRA NETO, 1997).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que, tem como objetivo investigar valores, atitudes, percepções, motivações e modo de vida do povo Kaingang, o qual representa o objeto de estudo. Nesse sentido, destaca-se que a pesquisa qualitativa é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 2006).

De acordo com Gil (2006), o procedimento seguido para a coleta de dados está dividido em dois grandes grupos de delineamentos: um associado as fontes impressas e digitais, o qual compreende a pesquisa bibliográfica e documental; e outro associado aos dados fornecidos por pessoas, o que no caso em tela diz respeito a pesquisa de campo.

Assim sendo, o primeiro grupo de fontes foram coletadas em acervos digitais, arquivos e bibliotecas. As fontes documentais obtidas nestes diferentes locais foram essenciais para a elaboração da pesquisa que ora se pretende realizar (MARCONI;LAKATOS, 2003).

A obtenção dos dados para dar suporte a pesquisa é realizada por meio de documentação, observação e entrevistas, os quais compreendem procedimentos técnicos utilizados para direcionar a coleta e interpretação dos dados. As entrevistas seguiram o método da história oral. Já que, os grupos indígenas constroem suas narrativas históricas, cosmológicas e educativas a partir da oralidade, uma vez que, é por meio de fontes orais, que os saberes são transmitidos de geração em geração (FERREIRA, 1998).

No presente estudo foi de fundamental importância as narrativas dos Kaingang, as quais foram coletadas por meio de entrevistas pelo método da história oral, já que, mostra-se importante dar direito de voz a este povo que por muito tempo permaneceu excluído da história. É nessa órbita de ideias que Brand (2000, p.201) considera que a história oral possibilita dar “voz a múltiplos e diferentes narradores, torna o fazer história uma atividade mais democrática, pois recria a “multiplicidade original”. A entrevista “não é um diálogo ou uma conversa”, pois cabe ao entrevistador ficar em segundo plano, deixando a palavra principal com o entrevistado”. Quanto aos critérios éticos, inicialmente foi assinado o Termo de Anuência Prévia (TAP), o qual solicita a autorização para que os membros da Terra Indígena Foxá contribuam com informações para a realização da pesquisa. Neste termo consta que a coleta de dados ira ser realizada mediante autorização da liderança e demais indígenas que a comunidade desejar. Consta a previsão de que serão realizadas entrevistas individuais e/ou coletivas, diários de campo e registros fotográficos e filmicos, restando claramente que as informações contidas nestes instrumentos serão utilizadas apenas para os fins da pesquisa e divulgação científica.

Posteriormente a assinatura do TAP cada participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), no qual o entrevistado declara a concordância em participar da pesquisa após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativas do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento de dados.

Assim, os critérios éticos encontram-se assegurados, considerando o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção aos participantes de pesquisas, aos quais será garantido o direito do anonimato. A pesquisa pretende implicar em benefícios atuais para a comunidade na qual o participante está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção do bem-estar, da qualidade de vida e da preservação do meio ambiente para as presentes e futuras gerações.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme destacado na metodologia, os dados foram coletados a partir de pesquisa de campo e entrevistas, as quais foram realizadas com indígenas da comunidade em estudo e com não-indígenas que possuem algum tipo de envolvimento com a educação da Terra Indígena Foxá. Nesse norte, a responsável pela Pasta Indígena da Coordenadoria Regional de Educação referiu que havia um processo parado na Coordenadoria há muito tempo, que após seu ingresso, colocou em andamento, e que o mesmo surtiu efeito com a aprovação da escola em caráter emergencial. Assim, em agosto/2016 houve a aprovação e foi aberto o processo para credenciamento, contudo para ser aprovado, a escola tem que estar de acordo com vários quesitos, dentre ele um refeitório e cozinha, por exemplo. No final de setembro de 2016, houve a migração das crianças do primeiro ao quinto ano da Escola Manoel Bandeira para a escola Gatén, contudo ficou de forma emergencial, a qual poderia estar exercendo seu papel escolar. Além disso, foi criada uma turma de educação infantil. Ademais, o projeto da escola conta com a possibilidade de ensino fundamental completo, entretanto, diante das dificuldades enfrentadas, e necessidade de pelo menos um professor para cada área do conhecimento, foi aprovado o caráter emergencial do ensino fundamental até o quinto ano. A responsável pela questão indígena, afirma a importância das crianças estarem dentro da Terra Indígena até mesmo quando estão na escola, salientando a forma cultural de se manter as crianças perto das mães e demais integrantes da aldeia, para que se aprenda questões práticas do cotidiano do Kaingang (DIÁRIO DE CAMPO, 12/05/2017).

Atualmente, a escola conta com duas professoras indígenas, que possuem total domínio da língua materna e experiência prática no desenvolvimento de suas funções. Uma das professoras, já possui a formação exigida e portanto, está contratada para lecionar para o Ensino Fundamental, já a outra professora está cursando a formação necessária, e atualmente, é professora da Educação Infantil. Esta professora encontra-se estudando em São Valério do Sul, no Instituto Indígena,

permanecendo lá por 15 dias, retornando para trabalhar os outros 15 dias, e assim, sucessivamente. Nos dias em que uma estuda, a outra assume suas turmas.

Quanto ao espaço físico da escola, a responsável pela Pasta Indígena disse que, esta deve estar no mínimo de acordo com a realidade da comunidade. Portanto, se na Terra Indígena as casas são de madeira, a escola deve seguir este padrão. Assim, da mesma forma quanto aos banheiros, já que, nas casas não há banheiro próprio (individual para cada família), a escola não possui a necessidade de ter. Entretanto, quanto ao refeitório e cozinha, há a necessidade de que estes sejam construídos em apartado da sala de aula, até para uma questão de segurança. (Diário de campo 12/05/17)

**Figura 1.** Escola Indígena Gatén



Fonte: Acervo do Projeto Kaingang, 2017.

Em termos da aprendizagem em contexto com a natureza, o que reafirma a aplicação da educação ambiental tanto em espaços formais quanto informais de educação, um indígena detentor de conhecimento tradicional e mestre em educação questiona que:

O aprendizado nasceu aonde? Tem que tá claro de onde é que veio então é muitas vezes é isso que me chama a atenção quando os velhos falam né que a música não tem a autoria das pessoas, que a música a dança veio dos animais. O remédio vem dos rios, tudo isso né! O rio tem os seus espíritos, o sol a lua tem seus espíritos e que eles conversam com esses espíritos, os pajés, conversam com os pássaros, com os animais, com as árvores, com a própria terra, então tudo isso se de atenção para isso não precisa de bíblia. Tudo que vem da natureza foi escrito na bíblia e tudo que deus fez não é fazer mal pros outros e pra fazer o bem. E é esse bem que a gente tem que aproveita! Só que muito humanos destruíram e continuam destruindo e que o Deus criou a humanidade só pra destruir o que ele fez. Que não era pra fazer. (Entrevista p. 3, 20/08/2015)

Nesse sentido, percebe-se que para o Kaingang o aprendizado é a partir da natureza, a qual possui muito significado, pois é dela que provem, além dos recursos necessários para a subsistência e permanência cultural, a educação para as crianças. A fala do entrevistado é impregnada de

perspectivismo e cosmologia, reafirmando que o indígena vive em complementaridade com a natureza e com as vidas que ela integra, pelas quais, nutre reverência, e assim, educa seus filhos para que o ambiente seja protegido e respeitado.

Indígenas da aldeia Foxá quando questionados sobre a importância da presença da escola dentro da comunidade, enfatizam que:

[...] a escola fora da aldeia ela influência a educação dos nossos filhos fora, ela muda a educação já que lá é diferente, é uma maneira. Lá é assim, assim, assim, aqui é a cultura indígena né. Ai é muito importante que a escola seja (sic) dentro (sic). Ai a criança não vai ter todo o processo de ir pra fora pra poder estudar (entrevista, 28/08/2015).

Nesse passo, se verifica que a cultura indígena é mantida dentro da comunidade, de modo que o entrevistado assegura que:

A cultura indígena lá é, tem que ser assim em meio a natureza né. Tudo assim que a gente imagina de bom, a gente pensa a nossa cultura né. É tudo que a gente queria deixar. Só que o mundo que nos vivemos as vezes a gente fica mais triste né. Com tudo que tá (sic) acontecendo né. E a gente tá (sic) fazendo de tudo pra resgatar né. Até o ambiente que nós vivemos se tivesse espaço maior. (entrevista, 28/08/2015).

Figura 2. Atividade escola indígena Gatén



Fonte: Acervo fotográfico Projeto Kaingang, 2017.

Assim, a partir do ponto de vista do Kaingang a cultura indígena e a natureza se complementam, de modo que, as atitudes humanas para com o meio ambiente, preocupam esse povo. Já que, atualmente, vivencia-se um momento de intensa exploração de recursos ambientais, os quais, já foram comprovadamente, identificados como finitos. Desse modo, a cultura indígena do Kaingang educa seus filhos para a preservação ambiental, sem a qual, sua tradição ficaria comprometida.

De acordo com uma das lideranças Kaingang, antigamente, se aprendia tudo em contexto com a natureza, e este aprendizado era transmitido de geração em geração. Mas que atualmente, o estudo é necessário para que ao se tornarem adultos, consigam um espaço no mercado de trabalho, já que, a

realidade de hoje não permite que eles vivam somente com o que a mata lhes oferece, que os recursos naturais estão ficando escassos e as famílias continuam em grande número. (diário de campo, 22/08/2016).

Nesse sentido, no que tange a língua Kaingang, uma das lideranças afirma que praticamente toda a comunidade fala a língua materna, e que o ensinamento ocorre desde bem pequeninhos. O cacique comentou que a cultura Kaingang é mantida no dia-a-dia da comunidade. Incentivada pelos mais velhos, e pelos detentores de maior conhecimento. Cumpre ressaltar que os nomes de batismo dos Kaingang, trazem um elemento da natureza. (DIÁRIO DE CAMPO, 22/08/2016).

Em uma das saídas de campo, foi possível observar as crianças indígenas e a professora trabalhando na horta da comunidade. De acordo com a liderança, é importante que as crianças aprendam a trabalhar com a terra e desenvolvam por ela, um afeto. Que é uma forma de manter os conhecimentos tradicionais. Segundo ele, em outras terras indígenas, há muito espaço, e possibilidades de trabalho com a terra (DIÁRIO CAMPO, 13/06/2017).

Ademais, na oportunidade de coleta de dados, houve a oportunidade de adentrar a mata juntamente com a liderança espiritual da comunidade. O Kujã (liderança espiritual) adentrou à mata, e logo na beirada, já cortou um ramo de uma planta, esfregando a planta na palma das mãos, e após, fazendo uma espécie de benzimento. Seguiram pelo interior da mata. O grupo andava enfileirados, com o Kujã indo na frente. Ao longo dessa trilha, o Kujã foi mostrando folhas e árvores para o rapaz e trocando informações na língua materna, algumas folhas ele colhia e passava no outro indígena, principalmente em seu pescoço, outras ele apenas mostrava. Ao chegar no meio da mata, há um “olho d’água”, nas margens, o Kujã, arrancou várias folhas de uma folhagem, folhas largas e longas. As segurou nas mãos, falando algumas palavras, e após abriu um feixe delas no chão, posteriormente, deitando-se em cima. Ficou deitado por alguns instantes. Levantou-se e indo em direção à água. Lá ajoelhou-se e posteriormente, deitou-se de barriga na terra, e sem auxílio das mãos, bebeu um pouco de água. Após o transcurso na mata, o Kujã fala que a manutenção da tradição é essencial para o Kaingang e que, atualmente, muitas coisas mudaram com o crescimento das cidades, mas que, nas “beiradinhas”, ainda é possível encontrar a mata nativa. Ele disse, que tudo que aprendeu sobre a mata – seu espírito e seus elementos – lhe foi ensinado pelo seu pai (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2017).

## **CONCLUSÕES**

Assim, a partir das vivências na Terra Indígena Foxá, é perceptível que a tradição dos Kaingang orienta para a preservação da natureza, sendo a escola um meio de efetivar a educação

ambiental, a qual é desenvolvida em diversos espaços, seja no entorno da escola, onde há terra e árvores, nas pequenas matas que circunda a aldeia, na horta da comunidade.

Por fim, compreende-se que a educação da Escola Gatén – Espírito da Terra, entrelaça as concepções desse povo do mato com sua ancestralidade, num ambiente de amor à terra e reciprocidade. Onde torna-se visível que as crianças aprendem em contexto com a natureza, sendo este ambiente não-formal de educação, um modo de contribuir para a preservação ambiental e as permanências da cultura Kaingang.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos indígenas Kaingang da *Foxá* pela oportunidade de compartilhar saberes e estabelecer um diálogo intercultural. Ao projeto de extensão História e Cultura Kaingang dos Territórios da Bacia Hidrográfica-Taquari Antas pelo incentivo à pesquisa de campo, bem como, pela colaboração dos demais bolsistas e voluntários. À Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES e à CAPES pelo subsídio financeiro.

## **REFERÊNCIAS**

Bardin, L 2006. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Brand, A 2000. História Oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos. História Unisinos. 4:195-227.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. “Censo Demográfico 2010: Características gerais dos indígenas”. Rio de Janeiro, RJ, 2012. Available from: URL: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/Publicacao\\_completa.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf)>. (acess15 abril 2017).

Diário de campo de 08/02/2017. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 08 fev. 2017. 6 p.

Diário de campo de 12/05/2017. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 12 maio 2017. 3 p.

Diário de campo de 13/06/2017. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 13 jun. de 2017. 3 p.

Diário de campo de 22/08/2016. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 22 ago. 2016. 4 p.

Diário de campo de 23/02/2016. Pesquisa de Campo a Terra Indígena Foxá no Vale do Taquari. Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado. Univates. 23 fev. 2016. 3 p.

E1 – Entrevistado 1. depoimento [20 ago. 2015, 10 p]. Terra Indígena Por Fi Gâ, São Leopoldo/RS. Entrevistadores: Emeli Lappe; Fabiane Prestes; Marina Invernizzi. Lajeado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em Territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado: Univates.

E2 – Entrevistado 2. depoimento [28 ago. 2015, 10 p]. Terra Indígena Foxá, Lajeado/RS. Entrevistadores: Emeli Lappe; Fabiane Prestes; Jonathan Busolli. Lajeado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão História e Cultura Kaingang em Territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Lajeado: Univates

Ferreira Neto, E. 1997. História e etnia. Cardoso, C F; Vainfas, R (Org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p.451-473.

Ferreira, M de M. Amado, J 1998. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas..

Gil, AC. 2006. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas.

Gonçalves, LMC 2011. Crianças indígenas Kaingang em escola não indígena: um estudo de caso envolvendo a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Bandeira, em Lajeado/RS. [Monografia Especialização em Supervisão e Gestão Educacional] Centro Universitário Univates, Lajeado.

Lakatos, EM, Marconi, M de A 2003. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas.

Lappe E 2012. Natureza e Territorialidade: um Estudo Sobre os Kaingang das Terras Indígenas Linha Glória/Estrela, Por Fi Gâ/São Leopoldo e Foxá/Lajeado". [Monografia de Licenciatura História], Centro Universitário Univates, Lajeado.

## The environmental perspective in the "Gatén" indigenous school of the community Kaingang Foxá of Lajeado / RS

### RESUMO

The Kaingang represent the largest indigenous population in Southern Brazil, currently numbering approximately thirty-eight thousand individuals. This indigenous group is distributed among the four Brazilian states: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná and São Paulo. The community in analysis is located in the Vale do Taquari, in the municipality of Lajeado / RS and is called Foxá, whose meaning in Portuguese is related to the cedar trees that surrounds the village. This people has a peculiar way of looking at life and the relationship with the environment, and the Earth has a very special meaning, because it is from it that all the riches necessary for cultural permanence come from it. The objective of

this work is to identify the environmental perspective in the Gatén Indigenous School (spirit of the forest) in the face of ethnobotanical knowledge and environmental education. This is an empirical study with a qualitative and exploratory approach, whose methodological procedures consist of a bibliographical review, a documentary survey, a research conducted in partnership with the Kaingang natives through oral history for interviews, elaboration of field diaries and photographic records . It was evidenced that in the Gatén school of Foxa environmental education is transverse and constant, being developed in both formal and informal spaces of education, being something present in the Kaingang conception itself with regard to ethno-cognitions involving the relations between man and nature. In addition, oral tradition is very important for this people, being passed from generation to generation by the elders, as a way of educating for the achievement of autonomy, revitalization of memory and complementarity with nature.

**Keywords:** environmental education, indigenous, nature.